

# ESTAFETA

PERIODICO IMPARCIAL

Proprietario e principal Redactor—José Pereira Lopes.

ANNO I	E. UNIDOS DO BRASIL	ASSIGNATURAS Por anno: Capital 8\$000 Interior 10\$000	THEREZINA, 7 DE AGOSTO DE 1898	REDAÇÃO E OFFICINAS: Praça de Uru- guayana n.º 17.	ESTADO DO PIAUHY	NUMERO 35
--------	---------------------	---	--------------------------------	--	------------------	-----------

## EXPEDIENTE

Redactor — Dr. Laudelino Baptista.

## ESTAFETA

### AINDA A LEI DO ORÇAMENTO

Voltamos a esta questão, não para respigal-a, mas para continuar as considerações cujo inicio aventuramos numa de nossas anteriores edições.

A lei orçamentaria deve, como qualquer outra, ou melhor do que qualquer, transudar justiça em todos os seus artigos e paragrafos, de maneira a não levantar queixas contra suas disposições. E' a lei que vem annualmente dizer a todos os cidadãos a natureza e o valor do sacrificio que o Estado exige para a manutenção de seus diversos serviços; e esse sacrificio, mesmo porque o é, deve pesar igualmente sobre todos, mantendo-se em perfeita proporção ás rendas de cada individuo e á facilidade em adqueril-as.

O legislador deve, em todo tempo e em todo caso, ser um desconfiado e analisar detidamente tudo quanto ao modo de enxerto for apresentado como materia nova. A natural malicia humana exige-lhe esta prevenção que, bem exercida por cada um contra todos, produz benefico equilibrio durante o exercicio de suas altas funções, dando como resultado — trabalho com mais fundo de justiça e menos viciado pelos elementos máos a que o homem esta sujeito. Se assim fosse o n. 11 do § 10 do artigo 2-teria sahido sem aquelle appendice que manda cobrar 100\$000 de cada agenciador de algodão.

Antes de qualquer outra consideração quizeramos que nos dissessem quem poderá ser tomado por agen-

ciador de algodão? E personalizando: o sr. Antonio Alves da Costa, procurando comprar, uma ou outra vez em um anno, por ordem de algum corrector ou agente de navios do Maranhão algumas centenas de saccas para garantir o lastro das embarcações a chegar, ou o sr. Raymundo Beleguin procurando encaminhar para uma ou outra casa exportadora alguma carguinha solta que encontra nas estradas? Em resumo o grande exportador ou o atraca?

Ambos agenciam, ambos procuram dar determinado e preconcebido destino ao artigo de produção; mas ambos não podem, ou pelo menos com justiça não devem ser igualmente taxados pelo fisco.

..

Vamos abordar um aleijão das nossas leis de meio, que, ha muitos annos as deforma e contra que, diga-se a verdade, somente um homem de governo até hoje, o dr. Thaumaturgo de Azevedo, ousou reagir.

Myoma hediondo e pertinaz, implantou-se elle no organismo de nosso orçamente graças á cobiça e os interesses de poucos, mas de poucos que podem, que o mantém alli no n.º 7 do § supratricado, affrontando o mais rudimentar bom senso. E, como começamos illustrando esta discussão com exemplos, é ainda por uma exemplificação que vamos mostrar a injustiça do referido preceito orçamentario. Esteiado nelle Maia Sobrinhos & C.ª e outros de Amante e outras localidades têm sortidissimas drogarias appensas ás suas lojas, drogarias com o duplo do negocio das pharmacias do logar, e... pagam apenas mais 50\$000.

Esta disposição da lei orçamentaria é um absurdo sem nome. Quem quizer vender drogas, profissão

muito mais seria do que geralmente se suppõe que abra drogaria e se submetta ás leis de hygiene que não penetram e fiscalizam as lojas, e ás exigencias do n.º 6 do citado artigo e paragrapho.

(A seguir).

### Intendencia municipal

E' preciso que os theresinenses saibam como são geridos os negocios da communa. E, como naquelle seio de Abraham não ha uma voz que se erga contra o que por alli vai de incorrecto, porque a solidariedade politica tudo encampa e tudo encobre, digamol-o nós, em cumprimento de nossos arduos deveres.

O governo municipal de Flores, mal interpretando os interesses de seus jurisdicionados, levantou de uma forma desarasoadá o preço da sua passagem publica. Tanto bastou para que se agussassem os appetites do contractante de Therezina que requereu igual favor.

Negada esta graça, o contractante que não tinha fiador, arrufou-se e transferiu a outro, com todos os seus onus e direitos—o seu contracto. Este outro, dizem, não entrou com as prestações e requereu mora de 18 mezes (!) que foi dada. Mais tarde requereu que fosse considerado como não existente o seu debito, pedindo ao mesmo tempo a rescisão do contracto. O pretexto que deu é a *Delenda Carthago* do baixo preço das passagens. E a Intendencia aceitando a rescisão mandou annunciar nova praça das passagens cujos preços quasi duplicou.

Si o facto é tal qual nos foi referido, é gravissimo, e mal se occultam nelle a má fé do contractante e simpleza do governo municipal.

Não tem a Intendencia meio algum na Lei para ha-

ver o prejuizo? O contractante não tem bens? Em ultimo caso não é o sr. Intendente responsavel pela incuria commetida—entregando as passagens publicas sem um contrato em regra?

Isto não pôde passar sem energicas medidas no sentido de serem salvaguardados os interesses do municipio, e suor do povo!

Insistiremos.

### Escrinio Litterario

#### A ARCA

Quando Lucas ouviu o ruido das muletas, abriu o mais que pode os olhos, turvos e ardentes, e fixou-os na porta pela qual o seu irmão devia entrar. O seu semblante macerado pelo soffrimento e devorado pela febre, tomou de repente um certo aspecto de dureza, quasi de furor. O enfermo agarrou convulsivamente as mãos de sua mãe e gritou com voz rouca e sobressaltada:

—Põe-n'ó fóra, põe-n'ó fóra! Não o quero ver. Não o quero ver... nunca, nunca.

As palavras engasgaram-se-lhe na garganta.

Meio soffocado por um accesso de tosse, apertou nervosamente as mãos da mãe. Os sacudidos movimentos do arcabouço tufavam a camisa, que se abria e fechava a cada esforço do doente.

A mãe tratou de o tranquilisar.

—Descança, meu filho, não o verás! Far-se-á o que tu queras. Mandal-o-ei embora.

Esta casa é tua, toda tua..

Lucas, tossindo junto do rosto da afflicta mulher, continuou:

—Agora, já!... repetio com feroz insistencia, erguendo-se no leito e empurrando a mãe em direcção á porta.

—Sim, meu filho; já, agora mesmo..

Daniel appareceu no humbral, apoiando-se nas muletas.

Era um ente rachitico, sempre a abanar com a cabeça. Os cabellos, á força de loiros, eram brancos; e os olhos azues, surgindo por baixo de espessas e alvas pestanas, tinham uma expressão meiga, como as de um cordeiro.

Entrou sem dizer nada; um

ataque de paralyisa privara-o da falla. Ao sentir cravados em si, com feroz energia, os olhos do enfermo, estacou a meio da casa, encostado ás muletas, sem se atrever a dar um pas-o. Notava-se-lhe um ligeiro tremor na perna direita, encolhida e atrophiada.

Lucas disse á sua mãe:

—Que tem que fazer aqui este aleijado! Põe-n'o fóra. Ouves? Quero que o mandes embora, já!

Daniel olhou para sua madrasta, que ia para se levantar, e fixou-a com um olhar tão supplicante, que a mulher não teve valor para o fazer sair violentamente. O coxo, então, collocando uma das muletas debaixo do braço, fez com o que lhe ficava livre um gesto de desespero e dirigio um olhar voraz para a arca, arrumada a um canto da casa. Aquelle olhar queria dizer:

—Tenho fome.

—Não, não! Não lhe dê nada — gritou Lucas, estorcendo-se no leito.

—Nada... Que saia! Que não volte!

Daniel inclinou a enorme cabeça sobre o peito e tremia com os olhos cheios de lagrimas.

Quando a madrasta, pondo-lhe a mão no hombro, o empurrou para a porta, a pobre creança prorompeu em soluços, mas deixou-se levar sem resistencia. Ouvio fechar a porta atraz de si e ficou no limiar, soluçando. Os seus soluços eram violentos e continuos.

Lucas disse a sua mãe, com expressão de furor:

—Ouve-o? Fal-o de proposito para que eu me ponha peor.

Os soluços prolongavam-se entrecortados de tempos a tempos por um arfar estranho e triste como o gemido de um animal de carga que está para morrer.

—Pois não o ouves?! .. Depressa... Sacode-o! Que vá para a rua.

A mulher poz-se a pé de um salto, correu á porta e levantou sobre o mudo as mãos rudes, habituadas a bater e a maltratar.

Lucas, erguendo sobre os cotovellos, repetio:

—Mais! Mais! ..

Subjugado por tanta pancada, Daniel calou-se e desceu para a rua, sofrendo o pranto.

Sentiu-se esfaimado. Havia dous dias que quasi não provava um bocado de pão. Mal tinha força para mexer as muletas.

Passou um grupo de garotos correndo atraz de um «papagaio», que subia ao ar, oscillando.

Uns tropeçavam nelle.

—Eh! Eh! .. o coxo.

Outros chasqueavam:

—Anda, vamos lá a ver se me apanhas! ..

Outros, alludindo ao tamanho da sua cabeça, diziam-lhe:

—Olha a cabeça que falla.

Outro, ainda mais cruel que os companheiros, atirou-lhe ao chão umas das muletas e deitou a fugir. O mudo esteve a ponto de cahir; apanhou-a com muito custo, continuou o seu caminho. Os gritos e as gargalhadas dos gaiatos perderam-se para os lados do rio. O «papagaio», semelhante a uma ave de paiz phantastico, subia sempre no meio de uma atmosfera suave e rosada. Numa repessa cantava em côro um grupo de soldados. Estava-se na primavera, depois da Paschoa.

Daniel, que sentia a fome roer-lhe as entranhas, pensou:

—Vou pedir esmola.

O forno de uma padaria impregnava o ar de um cheiro appetitoso de pão quente. Um homem, vestido de branco, levando á cabeça um grande taboleiro, dentro do qual iam symetricamente dispostos uma porção de pães dourados e ainda fumegantes, passou por diante da faminta creatura. Atras do moço da padaria caminhava dois cães, latindo e sacudindo a cauda.

Daniel julgou que ia desfalecer de inanição e continuava seismando:

—Não tenho remedio sinão pedir esmola; assim morrerei de fome.

O crepusculo descia lentamente. O céu diaphano estava como que recamado de «papagaios», que se balançavam até cairem por terra. Os sinos repercutiam no espaço um zumbido profundo e continuo.

Daniel murmurou:

—Vou postar-me á porta da igreja.

E arrastou-se até ao templo. Estava aberto.

No mais escuro, o altar, illuminado por luzes bruxuleantes, parecia uma constellação. Pelo portal escapava um debil perfume de incenso e de benjoim. De quando em quando o órgão lançava como uma lufada de harmonias.

Senhor, meu Deus, ajuda-me!

O órgão soltou um acôrde que fez vibrar as pilastras como se fossem cordas de violino. A seguir desencadeou uma torrente de notas claras e alegres. Logo após resoaram as vozes dos cantores. As devotas e os devotos entravam dois a dois, tres a tres, pela unica porta da igreja. Daniel não se atreveu a estender a mão.

Perto delle um mendigo começou a gemer:

—Uma esmolinha pelo amor de Deus!

O mudo sentiu-se envergonhado.

Viu sua madrasta entrar no templo, toda embuçada n'um manto negro, e meditou:

—Se fosse agora á casa, que minha madrasta está fóra?

O tormento que a fome lhe produzia era tão imperioso que o mudo não esperou por mais; não andava, voava com o auxilio das muletas em pro-

cura de pão. Ao passar, uma mulher disse-lhe, rindo:

—Olhem lá! Vaes salvar o pae da forca? Então não querem ver o mancol!

Chegou á casa num abrir e fechar de olhos, suffocando, a arquejar. Subio a escada sem nenhum ruido, com extraordinarias precauções.

A's apalpadelas procurou a chave em um esconderijo da parede, onde sua madrasta costumava deixal-a quando sahia. Encontrou-a e, antes de abrir, olhou pelo buraco da fechadura.

Lucas, na cama, parecia adormecido.

Daniel raciocinou:

—Si pode-se tirar o pão sem o acordar!

Deu volta á chave, devagarinho, contendo a respiração, temendo despertar o irmão com as pancadas do coração. Estas pancadas pareciam-lhe que enchiam a casa de um estrepito ensurdecedor.

—E si acorda? — pensou Daniel, sentindo um estremecimento percorrer-lhe a medulla, ao ver abrir-se a porta.

A fome tornava-o audacioso. Entrou, assentando as muletas com todo o cuidado, sem tirar os olhos do irmão.

—E si acorda?

O enfermo, deitado de costas, respirava com difficuldade. De vez em quando, saia-lhe dos labios um ligeiro silvicio.

Uma unica vela em cima da mesa projectava nas paredes grandes sombras moveidias.

Proximo já da arca, Daniel, para dominar o medo, deteve-se e espreitou o enfermo; em seguida, mettendo as muletas debaixo do braço, esforçou-se para levantar a tampa; a arca produziu um estalido secco.

Lucas estremeceu e abriu os olhos. Vio o que o irmão estava fazendo, e começou a gritar, agitando os braços como um louco.

Ladrão, ladrão! .. Soccorro! ..

A raiva suffocava-o, e em quanto seu irmão, inclinado sobre a arca, bu-cava com mãos tremulas uma codea de pão, o doente saltou da cama e precipitou-se sobre o aleijado para impedir-lhe o intento.

—Ladrão, ladrão! — gritava furiosamente.

Depois, no paroxismo da colera, deixou cahir a pesada tampa sobre a cabeça de Daniel, que se estorceu desesperadamente como uma lebre colhida no laço. Lucas, porém, não cedia; perdera a consciencia do que praticava e apertava a tampa com todo o peso do seu corpo, para decapitar o irmão.

A madeira da arca estalava, o bordo da tampa penetrava na carne flacida da nuca, estourava-lhe as veias do pescoço, despedaçava-lhe os nervos e ostendões.

Ao cabo de algum tempo, pendeu da arca um corpo que não dava signal de vida.

Então, á vista do mudo assassinato a alma do fraticida foi invadida de uma espantosa loucura.

Duas ou tres vezes, cambaleando, atravessou o quarto, que os reflexos da vela enchiam de phantasmas, agarrou nervoso na roupa da cama, envolveu-se nella dos pés a cabeça e atirou-se para cima do leito. No silencio da noite os seus dentes rangiam como a lima mordendo o ferro.

GABRIEL D'ANNUNZIO.

## TRIGUEIRINHA

«...a virgem dos labios de mel e cabellos mais negros que a aza da graúna...»

Trigueira, joven trigueira,  
Tu és bonita e faceira,  
Tu és das flores a flor!  
Revelas a juventude  
Do viço na plenitude,  
No despoitar do amor!

Exulto quando te vejo  
Com esses longes de pejo  
Que purpuream-te a tez!  
Contemplo-te extasiado  
E me confesso humilhado  
Ante a minha pequenez!

E quando soltas ao vento  
Esse cabelo opulento  
Que se desmancha em anéis,  
Minha alma — garça ferida —  
Vai cahir embevecida  
De joelhos a teus pés!

E' que deu-te a natureza  
O talisman da belleza  
Da sympathia o condão!  
Com esse olhar que tu vibras  
Inflamas todas fibras  
Do mais revel coração!

Si passas, á tua passagem  
Tudo te rende homenagem,  
Desde o astro á flor do val!  
Brinca o vento no arvoredor,  
Canta alegre o passaredo  
Uma canção festival!

Ao ver-te, a rosa estremece...  
E Vesper empallidece  
De teus olhos ao fulgor!  
E dizem flores, estrellas:  
—«E's a mais bella das bellas,  
Tú és das flores flor!»

Não ha, não ha sobre a terra  
Mais encantos do que encerra  
A trigueirinha gentil!  
Os adames, o porte,  
Me arrebatam no transporte  
De um sonho ardente e febril.

Teu labio rosado e puro  
E' de um pecego maduro  
A polpa, a doçura, emfim!  
Polpa succosa e macia  
Que só destilla ambrosia,  
Que só rescende a ja: mim!

Aspirar-te o mago effluvio  
E' banhar-se n'um diluvio  
De essencias orientaes!  
E' perder-se — nauta insano —  
No odorifero oceano  
De vapores virginaes!

Teu riso é riso d'aurora  
Quando surge encantadora  
Em manhã primaveril!  
Teu habito é briza para  
Que o ambiente satura  
De odores, odores mil!

Quando ao som d'agreste avena  
Soltas a voz de sirena  
N'uma sonata ao luar,  
Traz-me o teu canto fagueiro  
Saudades do gondoleiro  
Descantando em pleno mar!

Teu vestido pe flanela  
—Como a chlamyde que vella  
Uma estatua do pudor—  
Esconde aos olhos profanos  
Theouros, joias, arcanos  
Do mais subido valor!

Trigueira, joven trigueira,  
Tu és bonita e faceira,  
Mas te envergonhas de mim!..  
E's como a tímida corça  
Que se esgueira á toda força  
Quando présente o mastim!...

Que me importam as grandezas,  
As refalsadas bellezas  
Que se ostentam no salão!  
Eu amo a simplicidade  
Que denuncia a bondade  
Do teu puro coração!

Trigueirinha, trigueirinha,  
Si um dia tu fores minha,  
Contrico te adorarei!  
Teu rostinho cor de jambo  
N'um eterno dithyrambo  
Com prazer eu cantarei!

Dar-te-ei na minha lyra  
—Corôa de ouro e saphira  
Do mais brilhante esplendor!  
Reinarás, serás rainha,  
No meu peito, trigueirinha,  
Terás um throno de amor!

Campo-maior.

VALDEVINO TITO

## PARA DISTRAHIR.

### Charadas

1.—(A Jose Acylyno) Quem toma  
aguardente zomba do tucano.—3, 1.

2.—A segunda pessoa desta terra  
prende uma ave.—1, 1, 1.

Anax.

3.—Esta fructa da Bahia é boa fru-  
cta.—1, 2.

Luar.

4.—A bohemia vivia alegre no meio  
dos seus.—3, 2.

5.—Marca com a madeira o capote  
de soldado.—2, 2.

Fran Portel.

6.—Elle, burro; ella planta.—3.

7.—Elle, animal; ella, no telha-  
do.—2.

Sindbad-o-Marujo.

8.—E' do pensamento que se extra-  
he a falsidade?—1, 2.

S. Baptista.

9.—O linho que vi na roça foi  
usado pelo povo americano.—3, —1.

10.—Quem levará um sacco, depo-  
is do narcer do sol, ao conto feu-  
dal?—2, 2.

Th. Dalbret.

### Enigmas.

1.—(Vide Almanach de Lembran-  
ças, 1898, pag. 120)

1000—Sanoaza—Estado.

150—Olema—Animal.

Luar.

2.—Qual é o homem de designio  
elevado?—2.

Th. Dalbret

### Decifrações

dos problemas do n. 34: Santa-ar-  
vore, Diana, Murros, Listelão, Naph-  
talina, Lisbonina, Loto, Camarú,  
Adyto, Vidama, Agrícola e Damasco.

### Decifram:

Luar—10. Fran Portel—8. Sindbad-  
o-Marujo—7. Anax—6.

Reimundo Lapixinho decifrou 10  
composições do n. 33; o seu nome  
não foi mencionado por ter man-  
dado a lista retardada.

## Por conta alheia

### Memorial Historico

A pobreza com honra é preferivel á  
riqueza com deshonra.  
(Continuação)

Os cidadãos João Augusto  
Rosa e Francisco Antonio  
Freire allugam mensalmente  
a Nabor Pinto e a Honorio  
Parentes dois predios por de-  
sesseis mil e quarenta.

Por quanto deviam estes  
ser collectados? A casa dos  
herdeiros, digo, a casa de mo-  
rada dos herdeiros de Fran-  
cisco Alves do Nascimento,  
além de ser em uma rua afas-  
tada do centro da cidade, está  
em tal estado de ruinas, que  
causa pasmo como elles ali  
ainda residem. E de-de que  
assim acontece, não podia  
deixar, como foi, de ser col-  
lectada. A de Benjamim Avel-  
lino, que outrora pagava de  
cima na razão annual de du-  
zentos e quarenta mil reis, foi  
agora collectada e quatrocentos  
e quarenta e quatro mil rs.;  
e até esgotar-se o praso da  
lei, nenhuma reclamação foi  
feita nesse sentido. Resta a  
meia morada do filho do in-  
formante, sobre a qual nada  
diz para não parecer suspei-  
to, tanto mais sobre ella ja  
tendo fallado o digno director  
do Contencioso.—Cidadão se-  
cretario, era «natural» a re-  
clamação que respondo, des-  
de que o seu signatario por  
conveniencia propria não quiz  
fornecer por escripto, nem  
verbal, a lista que esta secção  
pedio-lhe sobre o aluguel de  
seus predios.

E, como deveis ainda estar  
lembrado, a «ignorancia» do  
reclamante nesse sentido era  
tal—que foi preciso que vós  
em plena repartição, lhe dis-  
sesseis o quanto elle tinha  
mensalmente de aluguel!—  
Como funcionario publico,  
até o presente, jamais «servi-  
me do cargo para exercer  
vinganças particulares, mor-  
mente contra reclamante, que  
felizmente não e-tá na altura  
de formular contra ninguem  
proposições de tal natureza,  
pois além de fallecer-lhe ca-  
pacidade moral para bem ava-  
liar estas e outras cousas,  
parece até não ter imputação,  
principal requesito para o ver-  
dadeiro homem de bem mi-  
lhor dirigir-se na vida soci-  
al.—Os documentos publica-  
dos na inclusa gazeta, na par-  
te tarjada, provam a socieda-  
de, as asserções supra, bem  
como de quanto é capaz o re-  
clamante e que valor por tan-  
to podem merecer contra a re-  
partição de qualquer pessoa  
os juizos emitidos por tal in-  
dividuo.—Terminando cida-  
dão secretario, peço vos des-  
culpa do emprego de alguma  
phrase, que escapando-me da  
pena, possa ferir a vossa sus-  
ceptibilidade.—Directoria d'-  
arrecadação da Fazenda, 29  
de setembro de 1892. —

Francisco Gonçalves Mei-  
relles Filho.

Telephone—numero trinta  
vinte e sete de dezembro de  
mil oitocentos e noventa—

Ao excellentissimo sr. Go-  
vernador Doutor Alvaro Li-  
ma.—Antes de tudo tomamos  
a liberdade de comprimen-  
tal-o.

Depois... desculpar-nos-há  
o meio de que nos servimos  
para fazermos chegar até v.  
Excellencia as considerações  
que, capituladas, formam es-  
te «Memorial».—

Brevemente o major Olega-  
rio Ortis da Silva Rios terá de  
pedir demissão do cargo de  
collector das rendas desta ca-  
pital. Para seu substituto, já  
está designado o tenente coro-  
nel Antonio Ribeiro Soares.—  
E' natural que v. Excellencia  
ao receber pedidos para a res-  
pectiva nomeação, procure  
saber quem é o tenente coro-  
nel Antonio Ribeiro Soares,  
digo, quem é o tenente coro-  
nel Antonio Ribeiro, e que ti-  
tulos o recommendão a essa  
graca administrativa.—E para  
que v. Excellencia não encon-  
tre difficuldades na realisação  
desse pequeno desejo, resol-  
vemos a publicação destas li-  
nhas:

Roubo.—«No hotel Cearen  
se deu se um roubo, que tem  
preocupado bastante o espiri-  
to publico pelas circunstanci-  
as, que se seguiram a elle.—

O sr. capitão Antonio Ri-  
beiro Soares, negociante em  
Theresina, capital do Piahy,  
tendo chegado do Rio de Ja-  
neiro, onde fôra effectuar a  
venda de alguns escravos, a-  
chava-se hospedado no refe-  
rido hotel.—Na noite de vinte  
e um, voltando para a i um  
pouco tarde, encontrou tuda-  
as portas fechadas; affirma  
que bateu muito tempo, e nin-  
guem lhe apparecendo, vio se  
forçado a ir pernoitar em casa  
de um amigo.

(Continúa)

## Aqui, alli e alem

### EXPEDIENTE

**Bogamos encarecidamente  
a todas as pessoas que tive-  
ram a gentileza de aceitar o  
nosso jornal, o especial ob-  
sequio de mandarem pagar  
as respectivas assignaturas,  
á Praça de Uruguayana n.  
17.**

### Guerra Hispano-Americana.

Como veem os nossos lei-  
tores pelos telegrammas que  
abaixo publicamos, travou-se  
em Santiago de Cuba, o espe-  
rado combate entre as duas  
esquadras hespanhola, e ame-  
ricana, triumphando esta.

Não foi uma supresa esta  
nova victoria das forças ame-  
ricanas sobre as hespanholas.

Todos ja a esperavam, dada  
a enorme desigualdade exis-  
tente entre as duas partes bel-  
ligerantes.

Não obstante Santiago de  
Cuba continúa a resistir he-  
roicamente e o governo hes-  
panhol está disposto a pro-

longar a lucta em quanto hou-  
ver um hespanhol, seguundo  
disse o snr. Sagasta e nem  
outra devia ser a attitude da  
fidalga nação do Cid-o campea-  
dor.

O Gabinete hespanhol, diz  
um ministro da Hespanha,  
não affagava illusões nem  
chimericas esperanças. Sabe  
perfeitamente a debilidade e  
a pobreza de sua patria e a  
sua inferioridade nesta lucta  
desigual em que se acha em-  
penhada contra a força e a  
opulencia do inimigo.

Mas a Hespanha vê-se em  
condição identica á do due-  
lista que se defende dos gros-  
seiros ataques de um adversa-  
rio poderoso. Terá de oppor  
violencia á violencia e susten-  
tar pela força a nobresa de  
seus principios e a santidade  
dos seus direiros, muito em-  
bora sabendo de ante não a  
inutilidade de seus heroicos  
esforços.

Nobresa obriga, diz ainda o  
ministro e á deshonra na paz,  
a Hespanha prefere o infortu-  
nio de uma derrota prevavel.

Pariz, 5.—O governo hespanhol e  
as agencias Havas e Reuter des-  
mentem as noticias de destruição da  
esquadra Cervera affirmando que  
ella foi vista em frente de Cienfue-  
gos, perseguida pela do almirante  
Sampson.

Telegrammas expedidos de Was-  
hington e Nova York para Londres,  
entretanto, insistem na affirmativa  
do completo aniquilamento da refe-  
rida esquadra.

Accrescentam esses despachos  
que o almirante Cervera, entregando  
se aos americanos, disse haver pre-  
ferido um desastre no alto mar, em  
combate franco e nobre, á humilha-  
nte situação na qual se achavam seus  
navios, encurralados na bahia de  
Santiago de Cuba;

que o mesmo almirante ficou gra-  
vemente ferido em um braço e foi  
muito felicitado pelos americanos,  
que declararam-se admirados da  
bravura dos hespanhóis;

que estes tiveram 350 mortos e  
190 feridos, cahindo prisioneiros,  
em poder dos americanos, 1600.

que no lugar do combate e adja-  
cencias, boiam muitos cadaveres.

A edição do *New York Herald* que  
apparece n'este cidade tambem ga-  
rante a destruição, dizendo mais que  
a frota do almirante Cervera ia em  
d direcção ao alto mar quando os a-  
mericanos perceberam-na;

que debaixo de verdadeira chuva  
de balas e bombas incendiarias os  
navios hespanhóis tentaram prose-  
guir em suas marcha; mas o incen-  
dio deteve-os;

que o *Christobal Colon*, navio chefe,  
que ia á frente e levava o almirante  
Cervera, afundou, tendo sempre ar-  
vorado o seu pavilhão.

Paris, 5.

Os americanos abandonaram os  
postos avançados em Santiago de  
Cuba.

Na cidade entraram 30 mil hespa-  
nhóis, bem municados, que vão re-  
forçar a guarnição.

O almirante Sampson bombarde-  
ará terrivelmente a cidade, após a  
saida dos estrangeiros, a quem foi  
marcado para isto um praso curto.

Madrid, 5.

O governo ordenou ao general  
Blanco y Arenas que rompa o cer-  
co de Santiago de Cuba custe o que  
custar.

Em cumprimento d'essa ordem o  
alludido general enviará novos re-  
forços de Havana para alli.

Pariz, 6.

O primeiro ministro da Hespanha,  
Matheus Sagasta, confessou a des-  
truição da esquadra do almirante  
Cervera.

Em conselho dos ministros, porém

foi resolvido continuar a guerra» em quanto restar na ilha de Cuba um soldado.»

A imprensa d'esta cidade e de outros pontos da republica diz que a chegada a hora de a Europa intervir decisivamente no sentido de fazer cessar a guerra.

— E' terrivel a agitação popular na Hespanha.

O general Martinez Campos conferenciou com a regente d. Maria Christina.

Na cidade de Madrid, as tropas mantêm-se em rigorosa promptidão

— A esquadra do Almirante Camara, que havia regressado ao Mediterraneo passou novamente o canal de Suez, emviagem para as Philipinas.

**Londres, 6.**

Os jornaes consideram chegado o momento em que as potencias europeas não podem deixar de intervir para restabelecimento da paz entre Hespanha e os Estados Unidos.

— A Associação Federalista Hespanhola publicou aqui um manifesto propondo o estabelecimento de uma confederação da Hespanha e Portugal

**Roma, 6**

O embaixador da Hespanha junto à Santa Sé conferenciou com o cardeal Rampolla.

Consta que occuparam-se da guerra, pedindo aquelle a intervenção do papa Leão XIII.

**Paris, 6.**

O almirante Cervera telegraphou á sua familia comunicando estar prisioneiro dos americanos e achar-se de perfeita saúde.

Confirma-se a noticia de que incendiou-se no porto de Cadiz o cruzador hespanhol «Affonso XIII.»

— Está verificado que o official hespanhol que suicidou-se após o desastre da esquadra do almirante Cervera foi o capitão João Lasaga.

Por equívoco noticiou-se ter sido aquelle almirante.

— O general Augustin mostra-se disposto a resistir em Manilha até á morte.

**Santiago, 6.**

O governo enviou uma nota ao ministro argentino nesta cidade propondo que a questão de limites seja submettida immediatamente á arbitragem da rainha Victoria.

**Manifestação**

De um brilhantismo a toda a prova a «soirée» dançante que teve logar em casa da exma. sra. d. Loló Moura—offerecida pelas gentillissimas demoiselles Maria Antonietta de Moura Rios, Adelaide de Moura Rios, Afra de Moura Rios e Maria Luiza de Moura Costa ás distinctissimas sras. d.d. Maria Augusta de Moura Ferro, Eponina A. de Moura, Alice de Moura Ferro e Beatriz de Moura Ferro, filhas, sobrinha e neta do major Odorico Moura.

Nós que tivemos a dita de a ella assistir, que podemos observá-la aos poucos em sua expansão mais a mais animada, mais a mais fulgurante, ao escrevermos as presentes linhas, em celere e-corço, trazemos ainda o espirito em um como deslumbramento consequencia defluente da festa onde estivemos.

Conhecendo, como conhecemos Therézina, podemos sem temer qualquer contestação, afirmar que ha muito não temos uma reunião que aquella se avante e até sem temer que nos acoimem de exagerados que com ella possa rivalisar.

Caprichosamente preparada a casa, artistica e elegantemente decorada, bem cedo

logo foi invadida pela onda garrula dos convidados avultadissimos em numero, distinctissimos todos, porque ali achava-se a elite, a fina flor, o escól de nossa sociedade.

Tudo concorreu para a excepcionalidade do baile. Tranzitando pelos vastos salões, profusamente illuminados, julgavamos, ás vezes, transportados por um phenomeno de retrocesso a esses tempos fabulosos que a ardente imaginação dos escriptores medievaes povoou de fadas e genios bons, assistindo ás festas nupciaes de alguma princeza suggestivamente sympathica, de faces corallinas e olhos pretos, tentadores e voluveis, protegida de poderosas divindades, festas como a penna buriladora de Pendorf tão divinamente esboçou. A's 8 horas começavam as danças que deviam terminar as 3 1/2 da madrugada.

Em um crescendo admiravel se notava o prazer naquelles que haviam concorrido, nem uma mais pequenina nuvem vindo, ligeiramente que fosse, umbrar-lhes a frente, a não ser um ou outro aru-finho tão commum em festas desta ordem.

Terminando, dizemos que foi agradabellissima a impressão que de tão intima e significativa manifestação trouxemos e destas columnas apresentamos ás distinctissimas manifestantes como as exmas. manifestadas as nossas cordiaes felicitações pela involvidavel noute de 4 do corrente.

**Processo importante.**

A' ultima hora recebemos para ser publicado o seguinte:

«Assistimos com impressão desagradavel, a 2.ª audien-cia crime, em que é auctora a justiça e accusados os srs. Manoel José Moreira Leão e José Tavares da Silva, cujo patrono è o official de gabinete de s. exc. o sr. Governador, o bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes, Arche-lão de Souza Mendes.

Após 4 mezes o *facto delictuoso* vem á luz do dia, sem que ainda alguém se externasse a tal respeito: é o que em rapidas linhas o faremos.

O primeiro reparo à fazer-se é não ter sido o *inquérito policial* dirigido pelo digno dr. chefe de policia, para maior *garantia* das partes. Não sabemos o que levou S. S. a não querer emiscuir-se em tal processo, o que é para lamentar!

Dêsde a 1.ª audiencia o publico desta capital assiste a uma verdadeira *tourada*, isto é, dôestos e falta de gravidade, tão necessaria para o esclarecimento da verdade.

Como é sabido as testemunhas, em geral, não têm precisamente a comprehensão precisa para responderem as perguntas das partes, e dahi, o dever imperioso, que a Lei incumbe ao representante do Ministerio Publico para a fiscalisação da Justiça; no entretanto, S. S. quando mais se faz necessaria a sua interferencia conserva-se mudo e quedo.

O digno dr. Arthur Furtado, attendendo á semelhante falta, tem assumido o verdadeiro papel de um integro juiz e acreditamos que, a baléla, algures espalhada, de que os accusados serão despronunciados, e caso cheguem ir ao Tribunal do Jury e condemnados, serão *implicitamente* perdoados pelo Governador, e isso, por interferencia da malfadada politica, não vingará.

*Incredibile dictu!*

S. exc. não quererá, por esta fórma, desvirtuar os poderes que lhe foram conferidos pela recente Lei de Graça».

*Justus.*

(Continúa).

**Prevenção**

Declara-se que o «Estafeta» não se vende em numeros avulsos, pelo que ninguém deve compral-o aos respectivos distribuidores.

Outro sim, quem quizer comprar algum n.º dirija-se á Praça de Uruguayanna n.º 17.

**Hospedes**

Cumprimentamos affectuosamente aos illustres drs. Odilo de Moura Costa e Francisco Rios de Moura, presentemente nesta capital.

**Chegada**

De volta de sua viagem ao Maranhão ja acha-se nesta capital o capitão Joaquim José da Cunha, honrado negociante de nossa praça.

**Declaração (1)**

Tendo chegado ao meu conhecimento que se me attribue a auctoria de um artigo publicado em o n. 32 do *Estafeta* de 17 do passado apreciando a politica no interior do Estado, venho declarar falsa semelhante imputação, pedindo a illustrada redacção do referido jornal, que se manifeste sobre o caso.

Therézina, 4 de agosto de 1898.

Arthur Pedreira.

(1) O artigo em questão não é do sr. dr. Arthur Pedreira. (N. da Redacção).

Salve o grande Intendente que nos livou da cainçalha que vivia a *acommetter* os pacificos itinerantes!

Ai do intendente *comme les autres* que com o seu *cumpra-se* pactuou com o immoralismo embroglio das passagens.

Mas afinal antes tosquiados do que mordidos por um cão damnado!

**Perversidade**

Não tem outro qualificativo o acto selvagem e brutal de certos individuos desta capital que applicam no carro de agua, tijollos &, animaes completamente aleijados que mal arrastam-se sob cargas com que não podem, e debaixo da taca e do cacete de estupidos almocreves.

O espectáculo é deprimente dos nossos foros de gente civilisada e deve ter repressão pois é nojenta tal exploração.

Já o disse alguém: «Em todas as luctas que tenho visto travadas entre burros e os peiões, para vergonha da especie humana, é sempre o burro que tem rasão». Calcule-se que a lucta e o máo trato são com animaes inteiramente desformes ou magros, quem quizer fazer juizo certo do valor moral de alguns que especulam na especie.

Isto é uma vergonha!...

**ANNUNCIOS**

José Pereira Lopes & C. pedem as pessoas que lhes deverem contas vencidas (30 de junho ultimo) o favor de virem salda-las quanto antes.

**AOS SRS. CIRURGIÕES**

Gaze boricada

- « phenicada
- « iodoformada
- « salicylada
- « sublimada
- « salolada
- « hygroscopica

—E—

Algodão boricado

- « salicylado
- « iodoformado
- « salolado
- « hydrophilo
- « sublimado

—E AINDA—

Ataduras de cambraia

- « de gaze simples na

BOTICA DO POVO

Sinval Mello Falcão tem 10 jogos de ancoretas para vender.